



O sírio Talal Al-tinawi em uma oficina gastronômica; ao lado, bazar para arrecadar fundos

Fotos: Naïma Saleh; Eva Bella

# Acolhimento sem fronteiras

De braços abertos, o **Instituto Adus**, em São Paulo, promove a inserção social, econômica e cultural de refugiados de várias nacionalidades POR VITÓRIA BATISTOTI

**F**oi fugindo da guerra civil em sua terra natal que o sírio Talal Al-tinawi chegou à capital paulista com sua família, em dezembro de 2013. Mesmo sem conhecer muito sobre o Brasil, considerava acessíveis as fronteiras abertas aos refugiados. No entanto, aprender a língua portuguesa, adaptar-se à cultura nacional e validar seu diploma de engenheiro mecânico tem sido trabalhoso. Ao pensar nas dificuldades enfrentadas por Talal, comuns a outros refugiados no País, três amigos — o paulistano Marcelo Haydu, o mineiro Victor Mellão e o italiano Andrea Piccini — fundaram o Adus, Instituto de Reintegração do Refugiado, em 2010.

Como indicam os dados do Conare (Comitê Nacional para Refugiados), em abril deste ano já havia 8.863 refugiados reconhecidos no Brasil. As solicitações de refúgio saltaram de 966, em 2010, para 28.670, em 2015. Uma das razões deste crescimento é que, ao contrário da prática adotada por diversas nações europeias, o Brasil mantém suas portas abertas. Contudo, essa política de fronteiras amigáveis não é suficiente para incluir essa população. “Falta pensar em moradias, na adaptação à cultura, no ensino da língua e na conscientização da população para lutar contra o preconceito que eles muitas vezes sofrem”, explica Marcelo, fundador e diretor-executivo do Adus.

O instituto arrecada boa parte da renda em ações culturais mensais, como bazares e oficinas gastronômicas, e outra parte provém de doações de pessoas físicas. Os projetos prestam assistência a sírios, angolanos, colombianos, congoleses e

pessoas de outras 50 nacionalidades. Em seu *portfolio* estão aulas de português e de informática, apoio psicológico e inserção no mercado de trabalho por meio de parcerias com empresas dos setores de construção civil, hotelaria e comércio. O Adus também possui iniciativas para incentivar o empreendedorismo, como é o caso da campanha de *crowdfunding* que Talal Al-tinawi recebeu. Por causa dela, hoje o engenheiro mecânico é cozinheiro e dono do restaurante Talal Cozinha Árabe, na Zona Sul de São Paulo.

Em maio, o Adus chegou a Curitiba e há dois meses tirou do papel o Conectados, uma escola de idiomas em que refugiados ensinam inglês, francês e árabe. Até o fim deste ano, o Catering, serviço a partir do qual será possível contratar um desses estrangeiros para cozinhar a comida típica de seu país de origem, entrará no leque de projetos do Instituto. “Os refugiados são pessoas qualificadas e que podem contribuir social, cultural e economicamente com o Brasil”, diz Marcelo.

**2** mil

refugiados já receberam assistência do Adus

**242**

é o número de voluntários do Instituto

**200**

refugiados foram inseridos no mercado de trabalho

▶ [adus.org.br](http://adus.org.br)